

Arquitetura moderna e tradição construtiva: a difusão da modernidade às cidades do interior paulista através das obras iniciais promovidas pelo Ipesp com projetos de arquitetos modernos paulistas, 1959 - 1960

André Augusto de Almeida Alves
Arquiteto e Urbanista, Doutor em Arquitetura e Urbanismo
Universidade Estadual de Maringá
R. Visconde de Nassau, 279 ap. 1402 87020-030 Maringá, Pr.
tel (44) 30343005 fax (44) 30343005 cel (44) 99172029
aaaalves@uem.br

Arquitetura moderna e tradição construtiva: a difusão da modernidade às cidades do interior paulista através das obras iniciais promovidas pelo Ipesp com projetos de arquitetos modernos paulistas, 1959 - 1960

A virada da década de 1960, período de efervescência cultural e ampla divulgação e debate acerca da moderna arquitetura brasileira, marcada pela inauguração de Brasília (1960) - meta-síntese do Plano de Metas de Juscelino Kubitschek (1956 - 1961) -, constitui cenário da significativa experiência de planejamento estatal promovida na gestão do governador do estado de São Paulo, Carvalho Pinto (1959 - 1963), o Plano de Ação. Este plano, mais especificamente a participação do Ipesp na produção de prédios públicos ao longo do território do estado com projetos elaborados por arquitetos modernos paulistas, revela-se oportunidade de difusão desta arquitetura através de seu território.

Assinalado precocemente por arquitetos como Artigas (1970) Rocha (1970), Penteadó (1970) e Sanovicz (1987), este episódio da arquitetura moderna paulista guarda informações fundamentais sobre a produção e debate arquitetônico daqueles anos. Baseando-se na consulta de fontes documentais, este trabalho revisita seus decisivos momentos iniciais. Em sua introdução explora comparativamente diversas facetas destas duas destacadas figuras políticas, seus partidos políticos e dos planos por eles promovidos, o papel desempenhado pelos dos quadros técnicos de planejamento. Descreve como tais especificidades refletem-se na relação entre arquitetos privados e Estado planejador.

De acordo com autores como Ferreira e Mello (2006) e Wisnik (2006), os primeiros projetos eram marcados pela utilização de materiais e técnicas construtivas usuais, seguidas da incorporação de soluções inovadoras concebidas por iniciativa de arquitetos mais experimentados. Busca-se efetuar uma apreciação mais aprofundada desta produção através de uma leitura microscópica de projetos executivos, processos administrativos, registro fotográfico de exemplares precoces projetados por arquitetos preocupados com a modernização brasileira. São apresentados prédios escolares em que arquitetos como Croce e Aflalo, Candia, Ruchit, Millan e Ciampaglia, Guedes, Penteadó e Schneider exploram de forma acentuadamente tectônica detalhes em tijolos e madeira, elementos construtivos, incluindo ensaios de caráter marcadamente orgânico. Procura-se assim avaliar com maior precisão seus diferentes conteúdos de modernidade.

Palavras chave: arquitetura moderna, São Paulo, Ipesp.

Constructive tradition and modern architecture: the initial works promoted by Ipesp with designs by Paulista modern architects and the diffusion of modernity to the cities of São Paulo State hinterland, 1959 - 1960

The turning of the 1960's, a period of cultural effervescence and broad dissemination and debate concerning modern Brazilian architecture, marked by the inauguration of Brasília (1960) - considered a synthesis of Juscelino Kubitschek's Targets Plan (1956 - 1961) -, is the scenery for the significant experience of planning promoted by governor of the São Paulo state Carvalho Pinto (1959 - 1963), the Plan of Action. This plan, more specifically the involvement of Ipesp - Institute for the Welfare of São Paulo State - in the production of public buildings with projects by Paulista modern architects, is considered an opportunity of diffusion of this architecture throughout the territory.

This episode of Paulista modern architecture, early reported by architects such as Artigas (1970) Rocha (1970), Penteadó (1970) and Sanovicz (1987), keeps important information about the architectural debate of those years. Based in documentary sources, this paper focuses its initial decisive moments. The character of these two outstanding political figures, their political parties and plans, the role played by the planning staff are explored in a comparative way in the introduction. The way such specificities reflects in the relationship between private architects and planning organisms is described.

According to authors such as Ferreira and Mello (2006) and Wisnik (2006), the first designs were characterized by the use of usual materials and constructive techniques, followed by innovative solutions conceived by more experienced architects. A deeper appreciation of this production is made through the microscopic reading of architectural designs, Ipesp documentation files and photographic surveys of early exemplars designed by architects concerned about Brazilian modernization. The paper presents school buildings in which architects such as Croce and Aflalo, Candia, Ruchit, Millan and Ciampaglia, Guedes, Penteadó and Schneider explore details in bricks and wood and constructive elements in a very tectonic way, sometimes including researches of remarkably organic character. The intent is to assess with larger precision the different contents of modernity covered by the production in question.

Key-words: modern architecture, São Paulo, Ipesp.

Arquitetura moderna e tradição construtiva: a difusão da modernidade às cidades do interior paulista através das obras iniciais promovidas pelo Ipesp com projetos de arquitetos modernos paulistas, 1959 - 1960

A passagem da década de 1950 para a de 1960 é já bastante conhecida pela intensificação de uma série de processos no seio da trajetória de modernização da sociedade brasileira. Tal aceleração, proposta por Juscelino Kubitschek no mote "50 anos em 5", revela-se afinado ao ambiente social em que é proposto, explicando o seu sucesso na campanha eleitoral que o leva à presidência da República (1956 - 1961). Este discurso modernizador de fato concretiza-se diretamente no plano cultural em Brasília, meta-síntese de seu planejamento, eventos como o Congresso Internacional Extraordinário de Críticos de Arte (1959) e outras iniciativas similares. Também não é difícil encontrar rebatimentos na música, televisão, cinema, teatro, artes plásticas, na universidade e no pensamento social e econômico brasileiro da época.

1. Estado e arquitetura moderna brasileira

O próprio Plano de Metas insere-se neste contexto, revelando senso de oportunidade ao valer-se de dados e estudos anteriormente elaborados para estabelecer em tempo recorde as metas de produção a serem alcançadas.

Porém, deve-se ressaltar que as visões sobre o Plano de Metas não são consensuais. Enquanto Lafer (1987) exalta a complexidade de suas formulações e o alcance de seus resultados, e Lessa (1975) aponta a transformação qualitativa da economia dele resultante, Campos (1963) relembra que "no Brasil, nunca se tentou a rigor um planejamento geral da economia", para além de planos de investimento público e planos setoriais, nos quais o incluiria. O parâmetro daqueles que, como Ianni (1986: 152), qualificam o plano como evento marcante da vida nacional, é justamente o aprofundamento da relação entre Estado e economia, através da internalização de centros de decisão, de fatores de desenvolvimento. Assim é que o quadro de compromisso e conciliação da República Populista, em conjunto com o papel central do Estado no modelo keynesiano vigente no segundo pós-guerra e especificamente na CEPAL e no ISEB, resultam no que Mantega (1985) chega a chamar de "projeto de dominação nacional-desenvolvimentista". Este pressupõe a convergência de classes e a ação do Estado em prol da industrialização para a superação do subdesenvolvimento com inclusão das massas e distribuição de renda. Tal projeto culmina, sobretudo no plano cultural, nas possibilidades de construção de uma civilização dos trópicos.

É clara a sintonia entre tais postulados e os de setores da arquitetura moderna brasileira, por exemplo, quando Lúcio Costa aposta na burguesia industrial enquanto promotora do desenvolvimento, que por sua vez necessitaria da inclusão das massas, "não em termos facultativos de solidariedade humana e caridade, mas por imposição material da técnica moderna da produção em massa", resultando em sua "teoria das resultantes convergentes" (COSTA, 1962:

250-1). Um projeto que remonta à busca na autóctone arquitetura colonial brasileira - e não na exótica arquitetura neoclássica - as raízes de uma expressão arquitetônica moderna brasileira¹.

Porém, tais tendências amalgamadas em discursos, planos e propaganda não são consensuais. Demonstra-o o embate ideológico sobre as origens do planejamento estatal - ligadas ao Plano Quinquenal soviético (1929) -, que chegam a afetar os primeiros eventos promovidos pela CEPAL no país, na primeira metade da década de 1950 (Lamparelli, 1995; Teixeira, 1997). Neste cenário, a eleição de Carvalho Pinto para o governo do estado de São Paulo (1959-1963), o Plano de Ação por ele promovido e a arquitetura dele decorrente revelam-se esclarecedores do debate político-partidário, do planejamento e, em última análise, da modernização do país.

2. JK e Carvalho Pinto

O planejamento era explicitado apenas no programa partidário do PTB, ainda que PSD e UDN previssem a participação do Estado em indústrias "básicas" ou "estratégicas". Uma agenda que aliava desenvolvimento, planejamento e controle social, atendendo a setores conservadores do PSD e da UDN, criando o "equilíbrio instável" que contrasta com a "instabilidade crônica" da vida nacional desde a Revolução de 1930 (Benevides, 1981).

Em fins da década de 1950, a UDN inaugura um estilo de campanha de maior alcance popular, com as Caravanas da Liberdade, e flexibiliza pragmaticamente sua política de coligações, visando superar suas "derrotas gloriosas". Consegue, com isso, eleger 3 governadores - Pernambuco, Bahia e Sergipe -, e vencer, em aliança, no Rio de Janeiro, Piauí e São Paulo, com Carvalho Pinto (UDN-PDC-PTN-PSB). Com esta coligação Jânio Quadros vence a disputa presidencial em 1960, quando a UDN vence 6 dos 11 pleitos estaduais: Rio de Janeiro, Minas Gerais, Alagoas, Paraíba, Rio Grande do Norte, Mato Grosso e Paraná.

O janismo, com berço no PDC paulista, encontra solo fértil para seu desenvolvimento em seu relacionamento com certos setores da UDN – em diferentes circunstâncias, os udenistas históricos e lacerdistas ou a Bossa Nova, esta inspirada nos programas de desenvolvimento com justiça social da Doutrina Social da Igreja (Benevides, 1981) - e PSD - Ala Moça -, além da participação na Frente Parlamentar Nacionalista, na qual alinham-se amplos quadros do PTB.

Originário do PSD mineiro, JK, segundo Benevides, “foi um grande político nos moldes do que já se convencionou chamar de ‘modernização conservadora’”, ou seja, na descrição de Maranhão (1988), “levava ao êxtase a eficácia pessedista em fazer grandes transformações sem mudar nada de essencial”. As demonstrações de que era católico praticante e de que não era simpático ao comunismo, além das promessas de participação da população nos frutos do desenvolvimento, faziam-no merecedor do apoio da Igreja. “Portador de uma memória invejável e de um bom

¹ As ligações entre República Populista, modernização conservadora, nacional-desenvolvimentismo e setores da arquitetura moderna brasileira são desenvolvidos em Alves (2003), especificamente o cap. 2 "O progresso inexorável".

patrimônio cultural”, “afeito a uma vida social intensa” e “preocupado com a sua imagem”, JK une vontade política de fazer, esforço para aglutinar interesses, aversão à improvisação e definição de metas cujo cumprimento era cobrado de ministros e demais subordinados. Um estilo que combina elementos tradicionais e “modernos”, em que a pregação ideológica é substituída pelo planejamento, em vista de domar as forças políticas e econômicas em acirrada disputa.

Carvalho Pinto havia sido Secretário de Finanças de Jânio Quadros na Prefeitura (1953 -1954) e no governo de São Paulo (1955 - 1959). Ainda que autores como Marcucci (s.d.) e Sampaio (s.d.) localizem suas origens na democracia cristã, eles mesmos apontam o caráter apartidário de Carvalho Pinto - uma virtude, dentro de um quadro político excessivamente polarizado. Sampaio (2007: 301-2) define Carvalho Pinto como “conservador”, “burguês quase aristocrático”, “patriota” que tinha “uma clara visão nacionalista”, “um extremado” que “tinha boa visão social”; “conservador inteligente, que percebeu que para conservar precisava mudar”, ou um “burguês que não queria mudar fundamentalmente a sociedade, mas que acreditava que, se organizasse bem o governo e se tivesse um sentimento de generosidade, etc., era possível construir uma sociedade mais justa”, descrição que ajusta-se aos moldes da modernização conservadora exposta. Não explorava nem tampouco explicitava posturas religiosas, também não possuía o carisma de JK, privilegiava a administração à política, reprovando a “corte” às massas.

Comum a ambas personalidades políticas é o compromisso com o plano e seu acompanhamento rigoroso. Tanto o Plano de Metas quanto o PAGE são elaborados dentro dos prazos previstos e são cumpridos quase integralmente (Lafer, 1987, Sampaio, s.d.).

3. Plano de Metas e Plano de Ação

Se o Plano de Ação lembra a ausência de controle dos instrumentos de política econômica limita o planejamento estadual, a orientação desenvolvimentista do planejamento vigente no período minimiza o papel destes instrumentos, bem os efeitos na inflação e na balança de pagamentos. Daí o foco em realizações físicas, assim distribuídas no Plano de Metas: setor de energia, 43,3%; transportes, 29,6%; alimentação 3,2%, com metas revistas; indústria de base, 20,4%; educação, 3,4%; meta-síntese: construção de Brasília. A meta de educação não existia inicialmente, sendo incluída de modo genérico por influência de Clóvis Salgado, vice-governador de Minas Gerais e ministro da educação e saúde de JK; nada era previsto na área de saúde e habitação.

Igualmente colocando como questão central a superação do subdesenvolvimento (São Paulo, 1959: 15), o Plano de Ação põe as necessidades da população ao lado das do setor produtivo, prevendo dois grandes grupos: “investimentos para a melhoria das condições do Homem” e “investimentos para a promoção do desenvolvimento”, almejando “uma concepção integral e harmônica de desenvolvimento econômico e social”. As obras de infraestrutura contemplam educação, cultura e pesquisa, saúde e assistência social, justiça e segurança e saneamento. Ainda que Carvalho Pinto determine a exclusão do tema habitação, devido à sua complexidade e

os limites de exeqüibilidade do plano, iniciativas como a da criação da FAPESP revelam a preocupação com questões que só serão incorporadas no Plano Trienal (1963), que marca, segundo Baer, citado por Ianni (1986: 208), o fim da negligência com setores não industriais.

4. Os arquitetos e os planos

Já se mencionou aqui o acirramento do embate ideológico em torno do planejamento. Ianni (1986: 155-6), ao referir-se à gestão de JK, afirma que “o País já se encontrava *razoavelmente* preparado para pôr em prática uma política econômica *relativamente* planejada” (grifos nossos). Para isso contribuiria a concepção cepalina de planejamento enquanto técnica neutra, a qual visava conferir-lhe legitimação, poder de persuasão e a cooperação dos demais agentes sociais. Lamparelli (1990: 57) toma diferentemente como ponto de partida a necessidade de criação das condições para implantação de capitais transnacionais e seu modo de produção, para o que desponta o planejamento, enquanto materialização de uma “nova racionalidade e procedimento de toda a sociedade, em especial do Estado”, de novo, aparentemente desligada das forças políticas e sociais, as quais caberiam ser mantidas sob controle.

A visão dos planejadores enquanto técnicos apolíticos é comum a ambos os planos, igualmente abrigados em grupos anteriormente inexistentes - a administração paralela de JK, o Grupo de Planejamento e o Grupo Técnico do Plano de Ação. Teixeira (1997) afirma, sobre o Plano de Metas, que em caso de divergência entre o presidente e os quadros técnicos “eram usadas as prerrogativas e substituídos os membros, ou se decidia com base na ‘responsabilidade política’”. Já na segunda metade do mandato de Carvalho Pinto, tem-se o afastamento voluntário de Francisco Whitaker Ferreira e a filiação de Sampaio ao Partido Socialista.

Tais eventos são suficientes para por em xeque o binômio planejamento-neutralidade, apontando para o caráter intrinsecamente político destes e de outros agentes sociais e o convívio de setores progressistas e conservadores da sociedade, nos planos e na atuação mais ampla dos governos.

Ao tratar da classe artística, Teixeira (1997: 166) relembra que “o presidente sempre primou por um saudável relacionamento com esse segmento”, que levava à sociedade “o espírito do novo, do moderno, do fim do atraso”. Apesar de Rocha (1970) ressaltar a importância dos prédios do Ipesp enquanto materializadores da idéia de modernidade nas cidades do interior e Sanovicz (1987) estabelecer um paralelismo entre as experiências de Getúlio Vargas e JK e a de Carvalho Pinto, não se tem até o momento indícios de uma eventual intencionalidade de Carvalho Pinto em explorar as potencialidades propagandísticas da arquitetura. O programa de construções de Jânio Quadros havia sido implantado com os projetos padronizados da DOP.

O contato entre arquitetos e governo estadual se dá através de Sampaio, cuja proximidade com os jovens arquitetos da SAGMACS que compõem a Equipe Técnica remontava à sua atuação na JUC. Plínio intera-se da utilização dos projetos padronizados e suas supostas inconveniências;

Luis Saia relata, em assembléia geral realizada em 20/08/1959 o convite feito a Sampaio para "palestra e debates amplos" na sede do IAB SP, ao fim daquele mês. As "relações profissionais de arquitetos com o Ipesp" são incluídas na ordem do dia da assembléia geral de 08/09/1959. Neste momento, vários arquitetos já vinham sendo convidados pelo Ipesp, com "condições de contrato irregulares e em desacordo com as instruções da Tabela Básica do Instituto" (IABSP, 08/09/1959: 92-3). O debate polariza-se entre arquitetos que, como Ruy Gama, Francisco Whitaker Ferreira e Luiz Carlos Costa - estes últimos membros da Equipe Técnica -, defendiam que o IABSP manifestasse apoio aos organismos estatais de planejamento e projeto e os arquitetos funcionários públicos neles atuantes; e arquitetos de diferentes orientações políticas, como Artigas, Saia, Wilhelm, Wilson Maia Fina e Rubens Carneiro Vianna, que defendiam a atuação dos escritórios privados - mesmo que sob honorários baixos, em atitude tática - enquanto oportunidade de reconhecimento da classe, justificando esta participação exatamente através de um discurso em torno da falência dos organismos de planejamento.

A proposta final, apresentada por Artigas e Rubens Carneiro Vianna com emenda de Joaquim Guedes - ele mesmo funcionário do Ipesp durante determinado período - autorizava o IAB SP a promover os entendimentos junto ao governo visando ampliar a participação dos escritórios privados de arquitetura na elaboração de projetos de prédios públicos, visando "comunicar-lhes o significado cultural da arquitetura brasileira", encarecendo a necessidade de se aparelhar os órgãos de planejamento de obras.

5. Os projetos de modernização na produção inicial do Ipesp

No acirrado debate acerca do planejamento e desenvolvimento, a postura dos arquitetos no IABSP revela-se peculiar, superando divergências ideológicas e políticas para convergir em torno da afirmação da classe, a partir de um modelo de atuação privado. A arquitetura que representa o desenvolvimento da nação o concebe exatamente a partir do Estado, cuja atuação, no plano da atuação profissional, simultaneamente rejeita, a exemplo do que ocorre desde a Revolução de 1930 até Brasília. Esta arquitetura afirma-se enquanto vertente hegemônica em sua historiografia, na qual insere-se marginalmente Artigas a partir da casa Baeta (1956) (Buzzar, 1997).

Apesar da crítica efetuada a esta historiografia desde a década de 1950 pelo casal Bardi e o círculo em volta deles reunido, até a produção acadêmica a partir da década de 1980, seu conteúdo permanece inalterado em trabalhos recentes dedicados à arquitetura escolar pública paulista promovida pelo Ipesp. Tais trabalhos continuam a eleger como modelos desta produção os exemplares projetados por Artigas para Itanhaém, Guarulhos e o bairro de Utinga, em Santo André (Ferreira et al., 1988; Valentim, 2003; Ferreira e Mello, 2006; Katinsky, 2006; Wisnik, 2006).

Apesar dos atributos desta arquitetura escolar serem suficientes no pleito por uma posição de destaque no âmbito do debate arquitetônico e social então vigente, o mesmo não ocorre no âmbito de uma avaliação histórica que busque afirmar esta mesma hegemonia, *a posteriori*,

quando todas as cartas estão postas à mesa. Isso faz com que os limites de tais atributos devam ser ultrapassados em direção a uma avaliação comparativa com uma suposta arquitetura escolar anterior, a qual viria a substituir com vantagens. Surgem, assim, versões como a de Valentim (2003) que lembra como tal participação é considerada por Artigas um ponto de inflexão na história da arquitetura paulista, quando os arquitetos privados "começam a projetar equipamentos públicos, substituindo tesouras de madeira e alvenaria de tijolos" por "protótipos do que a mais sofisticada técnica construtiva possibilitava realizar" (Valentim, 2003: 82). Neste mesmo sentido, Wisnik (2006) situa entre os quatro segmentos notáveis na produção promovida pelo Ipesp, aquele referente a "um grupo de escolas feito com materiais e desenhos muito singelos", ao lado daquela que marca "o surgimento de uma sólida tradição arquitetônica em São Paulo", que suplantaria não somente os demais grupos paulistas, mas marcaria "a passagem da arquitetura carioca à paulista durante a década de 1960, como eixo maior da produção nacional" (Wisnik, 2006: 60). Esta segmentação ganha conotações negativas em Ferreira et al (1998: 32), ao afirmarem que inicialmente a solicitação era de projetos baseados em técnicas construtivas "usuais", seguida de maior abertura para a utilização de soluções arquitetônica e tecnologicamente avançadas, a partir da iniciativa de dirigentes do órgão e dos "arquitetos mais experimentados". Tal tese deve ser revista diante dos dados factuais referentes à cronologia, a seus autores ("experimentados" ou não) e ao conteúdo destas arquiteturas, no que tange à relação tecida entre tradição e modernidade na arquitetura brasileira.

A leitura da tabela 1 revela que, após a assembléia de 20/08/59 e eventualmente a presença de Sampaio no IABSP, mas antes da assembléia de 08/09/59, são escalados ou efetuados os convites aos primeiros arquitetos privados: Gasperini, Galman, Wilhelm, Croce, Artigas, Guedes, Zalszupin; logo após a assembléia de 08/09/59, Corona, Candia, Abreu, Weiller são escalados, todos com ordens de serviço emitidas em 10/09/1959 e 11/09/59; entre 19/09/59 e 21/09/59 são escalados/convidados e contratados Penteado, Ciampaglia, Schneider, Ruchti e Lemos. Em 28/09/59 é a vez de Kneese de Mello e novamente de Zalszupin, cujo projeto é elaborado por Nestor Lindenberg parece ser o primeiro entregue ao Ipesp, pois inaugura a numeração de pranchas efetuada pelo instituto em todos os desenhos que recebe, seqüencialmente; em 07/10/59 são emitidas as ordens de serviço para Rachou, Xavier e novamente para Kneese de Mello, elaborado por Millan e Ciampaglia. Tais dados permitem algumas constatações 1) não há uma mudança de orientação de configurações espaciais, materiais e técnicas construtivas usuais para o modelo artiguiano, já que, por um lado, Artigas é contratado simultaneamente a arquitetos então já muito experientes como Croce, Candia, Ruchti, Kneese de Mello, Bahiana, Ícaro de Castro Mello e Oswaldo Correa Gonçalves e, por outro lado, quando surge em meados de 1961 uma série de aproximadamente 15 projetos escolares alinhados com as propostas de Artigas - ápice deste setor da produção -, estes continuam a conviver com muitos outros projetos de

orientação diversificada (Alves, 2007)²; 2) o fato do modelo artigiano ser lançado em obras de pequeno porte, aliado à dualidade de partidos adotados por Croce e Aflalo - "avançados" em edifícios de maior porte ou localizados em cidades mais populosas, "tradicionalistas" em edifícios de pequeno porte ou localizados em regiões mais afastadas - sinaliza para uma ampla liberdade de avaliação do contexto e de definição do partido arquitetônico; 3) é constante, em 1959, a presença de arquitetos da loja Branco & Preto - Croce e Aflalo, Candia, Ruchti, Ciampaglia, Millan, aos quais pode-se juntar Xavier, colaborador de Croce e Aflalo, e Guedes, estagiário de Leuret, sócio de Millan em parte da segunda metade da década de 1950 e como ele ligado aos dominicanos; ao mesmo tempo em que ao lado de Artigas já aparecem arquitetos que dele se reúnem, como Rocha, Penteadado e Paesani.

Tabela 1
Processos IP relativos a projetos contratados pelo Ipesp com arquitetos privados em 1959, ordenados cronologicamente

PROCESSO	DATA	PROGRAMA	CIDADE	AUTOR	CONVITE	OS
26468	07-08-59	ge	Charqueada	Giancarlo Gasperini	03-09-59	10-09-59
05575	28-02-59	gin	Santa Branca	Israel Galman	03-09-59	10-09-59
26467	07-08-59	gin	Vinhedo	Jorge Wilhelm	03-09-59	11-09-59
20167	06-07-59	gin	Rio das Pedras	Plínio Croce	03-09-59	10-09-59
16023	19-09-58	gin	Itanhaém	Vilanova Artigas	03-09-59	10-09-59
28669	20-08-59	ge	Itapira	Joaquim Guedes	05-09-59	10-09-59
28216	18-08-59	ge	Conchal	Jorge Zalzuspin	05-09-59	10-09-59
24551	30-07-59	ge	Iracemópolis	Jorge Zalzuspin	05-09-59	10-09-59
03615	04-02-59	gin	Caraguatatuba	Eduardo Corona	09-09-59	10-09-59
27937	17-08-59	ge	Itapira	Salvador Candia	09-09-59	10-09-59
12575	19-08-58	ge	Tanabi	Salvador Candia	09-09-59	10-09-59
28192	18-08-59	ge	Lucélia	Abelardo Gomes de Abreu	11-09-59	11-09-59
05878	02-03-59	gin	Ribeirão Pires	Roger Henry Weller	NC	11-09-59
22896	22-07-59	ge	Alto Alegre	Fábio Penteadado	21-09-59	19-09-59
18101	21-10-58	pos	Pontal	Galiano Ciampaglia	NC	19-09-59
07273	17-05-58	ge	Artur Nogueira	Maurício Tuck Schneider	21-09-59	21-09-59
24547	30-07-59	ge	Mogi Mirim	Jacob Mauricio Ruchti	21-09-59	21-09-59
16258	23-09-58	ge	Mirassol	Carlos Lemos		21-09-59
23703	27-07-59	ge	Barueri	Nestor Lindenberg (Jorge Zalzuspin)	28-09-59	28-09-59
09407	09-04-59	ge	Reginópolis	Eduardo Kneese de Mello	28-09-59	NC
27141	13-08-59	ge	Jaguariúna - Distrito de Guedes	Carlos Milan e Galiano Ciampaglia (Eduardo Kneese de Mello)	NC	07-10-59
07025	14-05-58	ge	Pedregulho	Gastão Rachou	NC	07-10-59
26465	07-08-59	ge	Atibaia	João Batista Alves Xavier	NC	07-10-59
31903	15-09-59	ge	Jaguariúna*	Elisário Cunha Bahiana	NC	19-10-59
14500	02-09-58	ge	Pirajuí	Israel Galman	30-10-59	03-11-59
15396	11-09-58	pos	Cunha	Jon Vergareche Maitrejean	NC	03-11-59
02206	23-01-59	col/en	Pompéia	Plínio Croce	NC	12/11/59
26616	04-12-58	gin	Eldorado Paulista	Pedro Paulo de Melo Saraiva		12-11-59
27142	13-08-59	for	Leme	Icaro de Castro Mello	NC	12-11-59
11811	11-08-58	pos	Cedral	Paulo Mendes da Rocha	28-11-59	
45481	27-11-59	ge	São Paulo**	Oswaldo Corrêa Gonçalves	NC	02-12-59
39442	28-10-59	for	Mogi-Mirim	Alfredo Paesani	21-12-59	NC

OS=ordem de serviço; NC=não consta; ge=grupo escolar; gin=ginásio; pos=posto de saúde; for=forum; col/en=colégio e escola normal (Autor)=arquiteto contratado pelo Ipesp

* O prédio localiza-se em Holambra, que então era distrito de Jaguariúna; ** Trata-se do grupo escolar construído no Conjunto Residencial Dr. Francisco Morato de Oliveira, em Tucuruvi.

² A Tabela 7 do referido artigo listava preliminarmente os projetos contratados pelo Ipesp com arquitetos reunidos em torno de Artigas.

5.1 *Arquitetura moderna e tradição construtiva*

Ainda que os personagens envolvidos já indiquem o sentido em que se dá a produção inicial do Ipesp com projetos de arquitetos da iniciativa privada, estes projetos revelam dados esclarecedores acerca da relação que seus autores estabelecem - ou não - entre arquitetura moderna e materiais e técnicas construtivas "tradicionais", consideradas aqui mais amplamente enquanto dados concretos tanto das diversas realidades locais quanto do ambiente social mais amplo do estado e do país. Ainda que um estudo da trajetória de arquitetos como Salvador Candia, Bratke, Croce e Aflalo que inclua os projetos que elaboram contemporaneamente àqueles para o Ipesp e as transformações pelas quais estes últimos passam neste curto período de cerca de 3 anos guarde elementos úteis para a compreensão de seu significado, efetuamos aqui uma leitura pontual de alguns destes projetos iniciais. No caso de Croce e Aflalo, a seqüência de projetos para o Ipesp inicia-se com o Ginásio Estadual de Rio das Pedras². Apesar do limitado programa de necessidades, o edifício revela aspectos significativos, simultaneamente no que se refere à disposição de seus espaços e à interface com a cidade. De um mesmo ponto pode-se acessar duas entradas, uma para o *hall* e daí para os ambientes administrativos, outra para o galpão e as salas de aula. O fato deste *hall* situar-se na porção média do prédio - e não junto ao alinhamento predial, como poder-se-ia esperar de uma solução mais conservadora -, aliado ao grande recuo do fechamento permite que uma grande área seja incorporada à ao espaço público, para a qual abrem-se as janelas de todo um lado da administração, a exemplo de projetos de Jorge Zalszupin para Conchal e Iracemápolis. Os panos de vidro que vedam o *hall* (fig. 2), marcam o acesso pelo seu desenho diferenciado, destacando-se na arquitetura austera, porém, de indiscutível filiação moderna. A solução assimétrica das primeiras propicia um pé-direito maior às salas de aula e menor na circulação, que fica protegida das intempéries e encaixa-se com a cobertura do galpão/administração. As vantagens e o grande interesse gerado pela solução em "V" aplicada nestes ambientes, por sua vez, são perceptíveis através dos cortes transversais dos blocos. Técnicas aparentemente tradicionais são, assim, exploradas com extrema habilidade e racionalidade, gerando uma síntese marcada pela sutileza e adequação das soluções.

Plasticamente, o projeto apóia-se no uso extensivo de vedações em tijolo aparente caiado nas faces externas e revestidos com argamassa e pintados nas salas de aula e ambientes da administração, pisos de cimento com juntas de peroba nas áreas externas e de assoalho nas áreas internas, tabeiras e forros de madeira nas áreas externas e de eucatex - material industrializado e, portanto, "ícone de modernidade", nas áreas internas.

² Proc. IP 20167 de 06/07/1959; ordem de serviço 10/09/1959, recibo não consta; contrato de execução 21/09/1958 (PM), habite-se 05/04/1960; inauguração 01/03/1961.

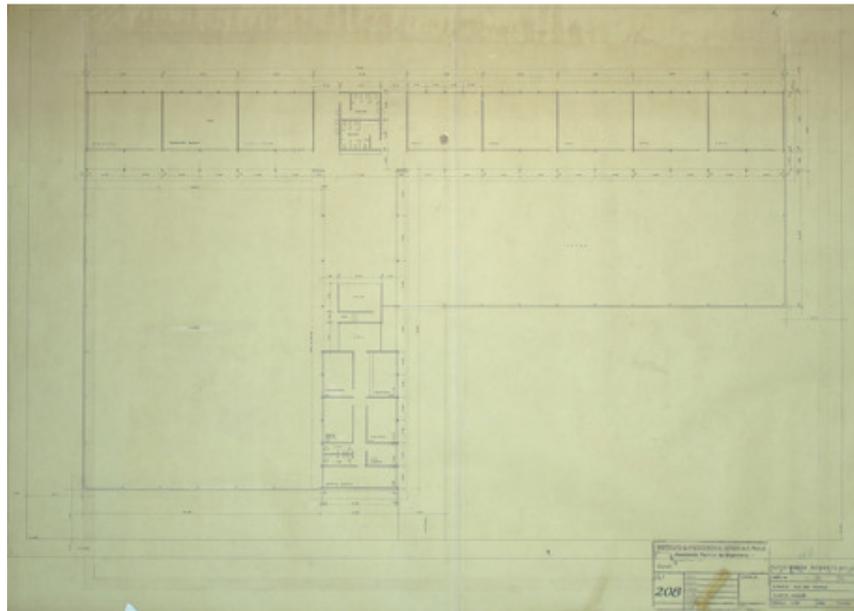


Fig. 1: Plínio Croce e Roberto Aflalo, Ginásio Rio das Pedras, Rio das Pedras (0534102): Planta de locação, coef. redução=1/7,5; esc. 1:750.

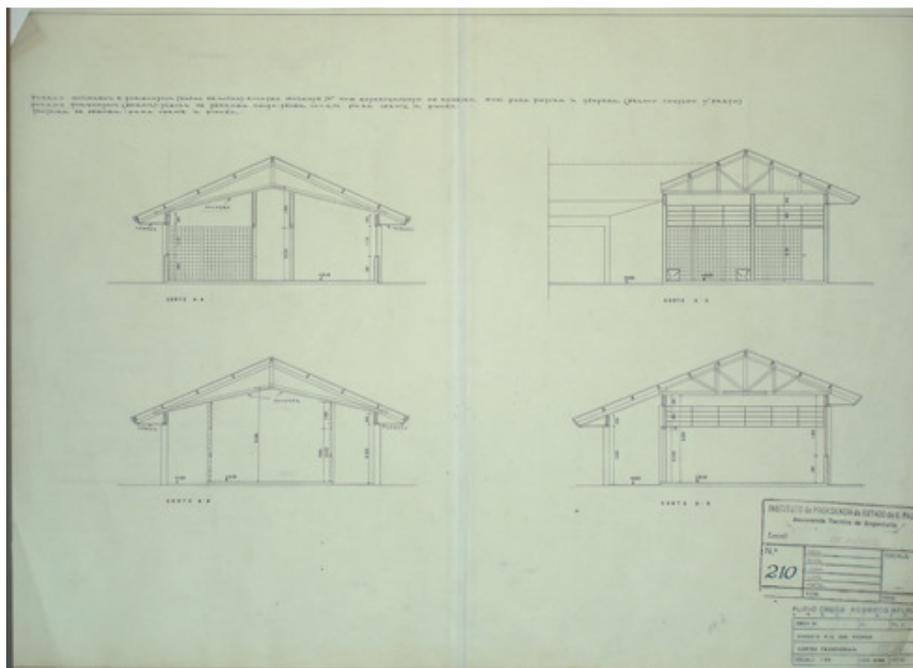


Fig. 2: Plínio Croce e Roberto Aflalo, Ginásio Rio das Pedras, Rio das Pedras (0534102): Cortes transversais, coef. redução=1/5; esc. 1:250.

Contemporâneo ao projeto de Croce e Aflalo para Rio das Pedras é o de Salvador Candia para o Grupo Escolar no Bairro de Cubatão, Itapira³. O arquiteto privilegia a utilização de materiais e técnicas construtivas tradicionais, partido diferente daquele por ele utilizado em obras comerciais e/ou de maior porte, como o Instituto de Educação Monsenhor Bicudo (1962), em Marília (Alves, 2007). O projeto para Itapira é marcado por uma rígida simetria e pelas pequenas diferenças de nível entre os pavilhões resultantes da adequação à topografia. Apesar de singelo, possui uma densidade de detalhes digna de nota, desde a especificação de panos de alvenaria de tijolos aparentes pintados de “ocre bem claro”, beirais e forros externos em ripados propiciando a ventilação do forro, especificação de muros de elementos vazados de cimento ou tijolos intercalados nos limites do lote e, junto ao galpão, a “mureta que serve para sentar” – conforme notação do projeto. A utilização extensiva de alvenaria portante resulta em vãos limitados, fechados com esquadrias de madeira de abrir, raramente presentes em outros projetos promovidos pelo IPESP e que chegam a remeter aos exemplares republicanos. A estrutura independente de concreto armado aparece no acesso às salas de aula e no galpão, neste último caso de forma ambígua, pois o desenho das vigas lembram treliças, apesar de serem acompanhadas da notação “vigas armadas”. A cobertura também é representada graficamente de forma esquemática, fato incomum nos projetos de Candia. Se por um lado isto pode ser explicado pela provável subcontratação do desenvolvimento do projeto aos arquitetos Fernando Arantes e Mário Reginato, por outro lado, deve-se atentar que os dados omitidos são aqueles pressupostamente conhecidos pelos diferentes profissionais por eles responsáveis – pedreiros, carpinteiros, etc., numa postura diferente da de Millan, que ao utilizar tais elementos estruturais de modo aparente, detalha-os, explorando suas características plásticas.



Fig. 3: Salvador Candia, Grupo Escolar no Bairro Cubatão, Itapira: bloco da administração com ampliações posteriores.



Fig. 4: Salvador Candia, Grupo Escolar no Bairro Cubatão, Itapira: janelas das salas de aula.

³ Proc. IP 27937 de 17/08/1959, ordem de serviço 10/09/1959, recibo 16/12/1959; contrato 17/10/1959 (PM/ Eng Szymon Goldfarb); habite-se 09/06/1960; inauguração 01/08/1960.

O projeto de Salvador Candia para o 2º Grupo Escolar de Tanabi⁴, com a participação de Fernando Arantes e Mário Reginato, alia a recorrente simetria a um maior apuro de desenho e com uma outra linguagem. Os portões da entrada principal são ladeados por elementos paisagísticos em tijolos aparentes, e abrem-se em direção à entrada coberta a partir do qual se acessa dois volumes idênticos, respectivamente abrigando portaria/ sala de espera, sala de dentista/ sala de material, sala de professores/ diretoria, além de dois sanitários. Acessos laterais a partir do portão principal ligam-no diretamente às salas de aula, sem a necessidade dos alunos atravessarem a entrada coberta para acessá-las. Através da portaria visualiza-se a área aberta ladeada de jardins gramados e das salas de aula dispostas duas a duas, sempre de acordo com a mesma orientação geográfica. As salas, como sempre, dispõem de iluminação bidirecional, com esquadrias de madeira semelhantes às de Itapira. A disposição das vigas sobre as salas de aula, junto à cumeeira e às extremidades mais baixas da cobertura, tornam as tesouras dispensáveis, possibilitando a instalação de forro de eucatex ligeiramente inclinado em “V” em seu interior.

O tijolo aparente, às vezes acompanhado da notação “caiaços de branco ocre” para as superfícies externas, e pintado com “têmpera batida” de cor não definida nas superfícies internas, passa assim a conviver com soluções estruturais e construtivas mais refinadas – as vigas e provavelmente todo o resto da estrutura sendo revestidas de argamassa, que aliam-se às sucessivas coberturas de duas águas de telhas francesas, esquadrias de madeira, detalhes de escadas e muretas em concreto, pisos externos em concreto sarrafeado, pisos internos e rodapés em peroba, sugerindo certo caráter orgânico, sobretudo no que se refere aos materiais utilizados.

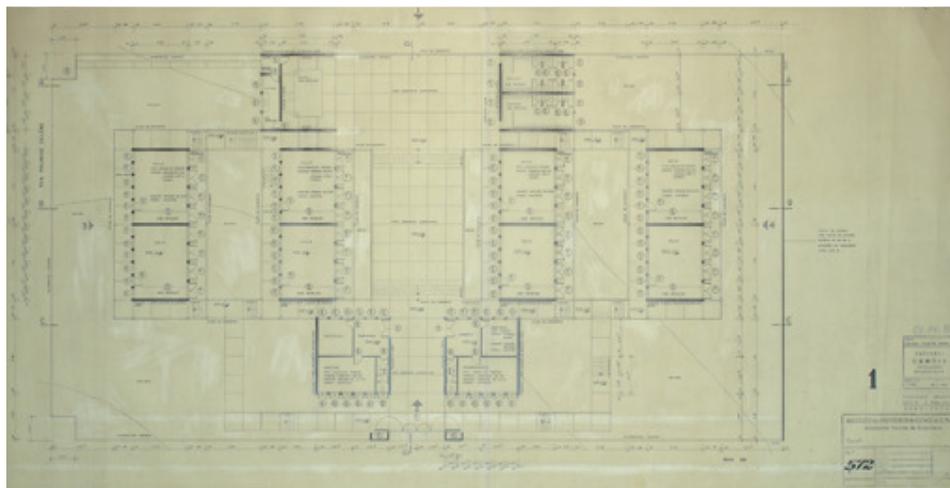


Fig. 5: Salvador Candia, colab. Fernando Arantes e Mário Reginato, Tanabi, Tanabi (0834102): Planta geral; coef. redução=1/7,5; esc. 1:750.

⁴ Proc. IP 12575 de 19/08/1958, ordem de serviço 10/09/1959, recibo 06/05/1960; contrato 28/10/1959 (PM); habite-se 15/10/1960; inauguração 15/12/1960.

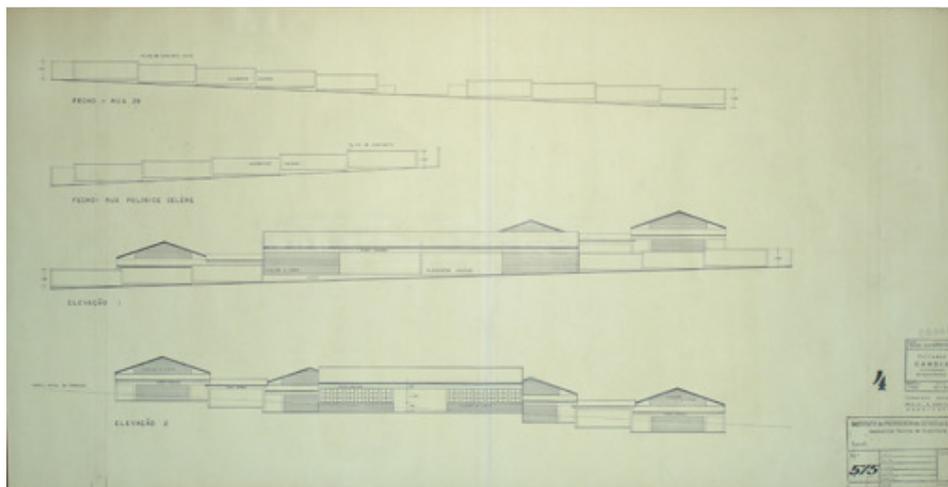


Fig. 6: Salvador Candia, colab. Fernando Arantes e Mário Reginato, Tanabi, Tanabi (0834102): Elevações/ fechos, coef. redução=1/7,5; esc. 1:750.

Em 13/08/1959, o IPESP envia projeto padronizado de Grupo Escolar IP de 4 salas para que a Prefeitura de Mogi Mirim elabore e envie orçamento do Grupo Escolar de Conselheiro Martin Francisco⁵, um de seus distritos, o que é efetuado prontamente, no dia 20/08/1959. Um mês depois, em 21/09/1959, o IPESP convida Jacob Ruchti para elaborar o projeto da obra.

O edifício é implantado em dois níveis. No primeiro e mais baixo, localiza-se a entrada, acessando lateralmente um longo eixo de circulação que tem as salas de aula à direita e a administração, pátio e galpão, à esquerda, nessa ordem. As dependências administrativas são acessadas pela circulação que envolve o pátio. Após o galpão, que ocupa posição mais ou menos central, uma escada dá acesso às últimas salas de aula, no segundo e mais alto nível.

O projeto revela-se assim bastante simples, baseando-se em estrutura de concreto armado com vãos de pequenas dimensões, tesouras de madeira, aparentes no caso do galpão, revestidas com forro de madeira nos ambientes restantes – sempre com beirais bastante reduzidos –, pisos de cimento nas áreas externas e de peroba nas internas. As salas de aula possuem formato retangular e recebem iluminação bidirecional, como todos os projetos anteriormente citados.

Os projetos dos arquitetos da loja Branco & Preto revelam, assim, um conjunto de propostas que, portadoras de especificidades, não deixa de incorporar questões comuns. Marcadas pelo uso de técnicas e materiais de construção tradicionais, tais quesitos não constituem fatores limitantes à atuação profissional, e sim temas de pesquisa.

⁵ Proc. IP 24547 de 30/07/1959, OS 21/09/1959, recibo 15/12/1959; contrato de execução 14/10/1959 (PM/ Szymon Goldfarb.); habite-se 23/07/1960; inauguração 16/02/1961.



Fig. 7: Jacob Maurício Ruchti, Grupo Escolar, Martin Francisco, Mogi Mirim: fachada frontal.



Fig. 8: Jacob M. Ruchti, Grupo Escolar, Martin Francisco, Mogi Mirim: galpão com pátio ao fundo.

5.2 Tectônica e organicismo

Localizado em estrada rural, nas proximidades da estação ferroviária do distrito de Guedes, o Grupo Escolar do Distrito de Guedes, Jaguariúna⁶, de Millan e Ciampaglia corrobora a impropriedade de versões baseadas na suposta pobreza conceitual decorrente da obediência às limitações impostas por poucos recursos técnicos e humanos. O detalhamento rigoroso dos arquitetos confere novos valores plásticos a tesouras de madeira e outros elementos do sistema construtivo. A estes juntam-se detalhes como os do palco semicircular em tijolos aparentes e peitoris, pingadeiras, canaletas de águas pluviais e capeamentos de muros em concreto aparente. A estrutura em concreto armado, ao contrário, é revestida com argamassa e conforma vãos de pequenas dimensões. As esquadrias das salas de aula, quadrangulares, são desenhadas com amplos panos de vidro basculantes, novamente permitindo iluminação e ventilação bilateral. O *lay out* da administração é resolvido com sutileza, as áreas molhadas concentram-se entre os espaços administrativos e o galpão, de modo que os sanitários localizem-se estrategicamente junto à ligação entre os blocos edificados.

As esquadrias de amplos panos de vidro contém portas envidraçadas que ligam as salas de aula ao jardim, remetendo a projetos escolares de Richard Neutra e que foram utilizadas em alguns poucos projetos construídos pelo IPESP, como o de Eduardo Kneese de Mello para o Grupo Escolar na rua São Benedito, em Reginópolis e de Joaquim Guedes, em Itapira.

⁶ Proc. IP 27141 de 17/08/1959, ordem de serviço 23/09/1959, recibo 02/11/1959 (Eduardo Kneese de Mello); contrato de execução 19/11/1959 (PM/ Eng Szymon Goldfarb); habite-se 10/09/1960; inauguração não disponível.

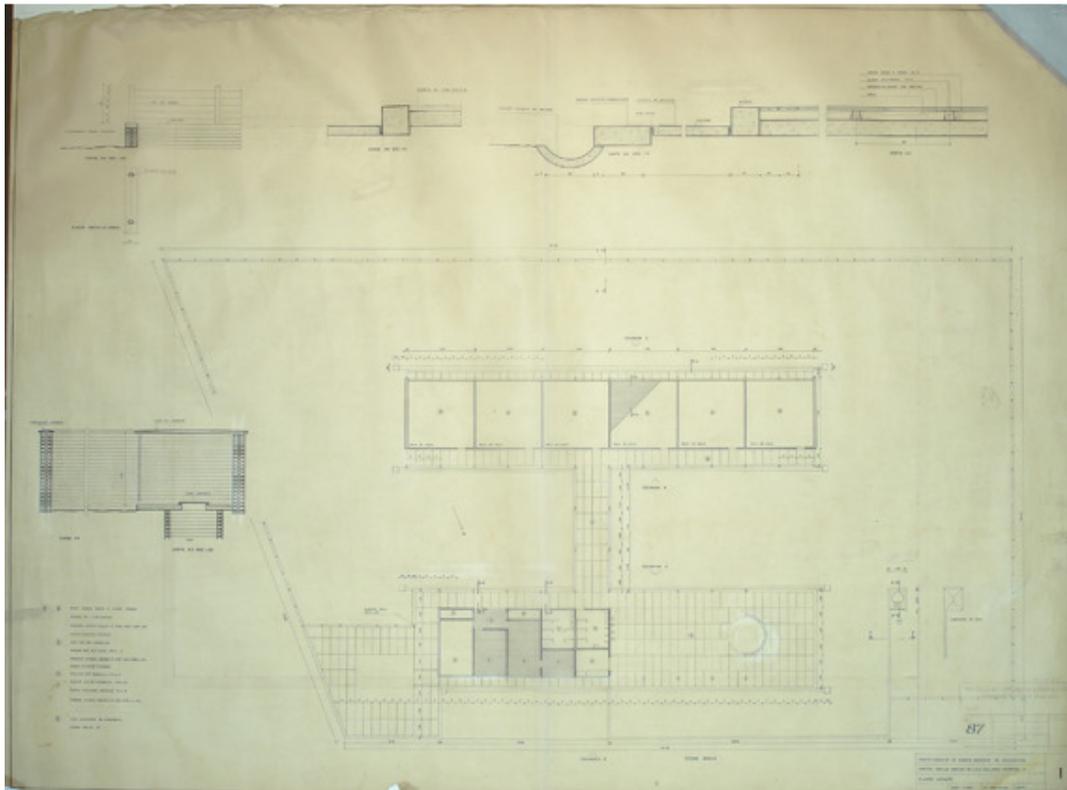


Fig. 9: Carlos Barjas Millan e Galiano Ciampaglia, Grupo Escolar de Guedes, Jaguaruiuna (0511401): Planta de locaao; coef. reduao=1/7,5; esc. principal 1:750.



Fig. 10: Carlos B. Millan e Galiano Ciampaglia, Grupo Escolar de Guedes, Jaguaruiuna: galpao e pavilhao de salas de aula.



Fig. 11: Carlos B. Millan e Galiano Ciampaglia, Grupo Escolar de Guedes, Jaguaruiuna: fachada frontal.

Muitas características presentes no grupo escolar de Guedes repetem-se no projeto de Millan e Ciampaglia para o ginásio de Santo Antonio de Posse⁷, cidade vizinha a Jaguariúna, onde localizava-se propriedade rural de membro da família Millan. Ainda que mantenha o partido bipavilhonar, agora um primeiro pavilhão é dedicado exclusivamente à administração, de um lado, e serviço médico e dentário e “ambientes complementares” – biblioteca e laboratório – de outro, separados pela ampla entrada e portaria. Esta disposição é repetida no segundo e maior pavilhão, com o galpão entre as seis salas e os vestiários e sanitários.

Repete-se também a configuração das salas de aula, quadrangulares e com esquadrias nas duas faces voltadas ao exterior, porém sem acesso a jardim, sendo que agora os arquitetos incluem quebra-sol em estrutura de madeira e tela, alinhadas às extremidades dos beirais das fachadas leste e oeste mais externas, e detalhe de ventilação permanente entre as esquadrias e o forro de eucatex; a compartimentação dos ambientes administrativos graficamente remete, ainda que de forma tênue, a Mies van der Rohe.

A projeção às coberturas das passarelas não coincidem com os respectivos pisos, degraus e elementos de contenção, cujas linhas levemente anguladas remetem diretamente a propostas de Alvar Aalto. Estes muros de arrimo são projetados em tijolos aparentes, presentes também em painéis vazados junto à sala de espera das salas do médico e do dentista, e juntando-se a bancos, pisos, degraus e soleiras de concreto aparente.

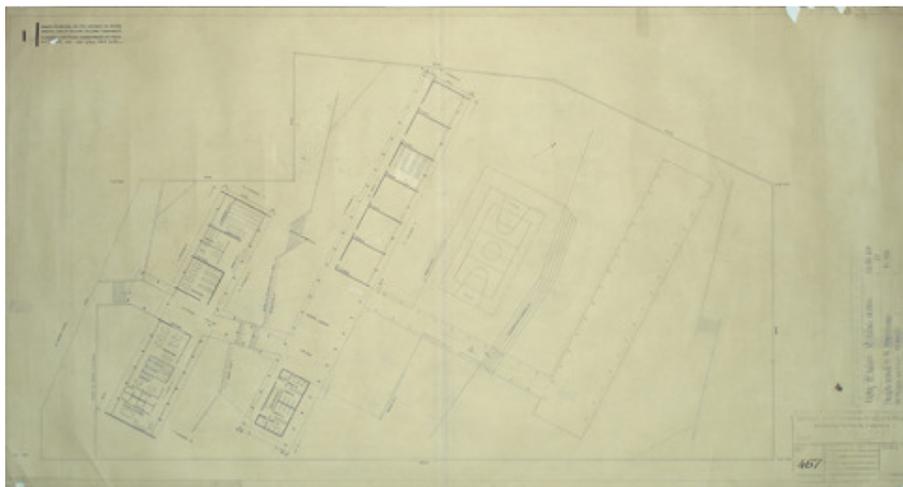


Fig. 12: Carlos Barjas Millan e Galiano Ciampaglia, Ginásio Municipal de Santo Antonio da Posse, Santo Antonio de Posse (0522101): Planta de construção: administração-det. pisos; coef. redução=1/7,5; esc. 1:750.

⁷ Proc. IP não levantado.

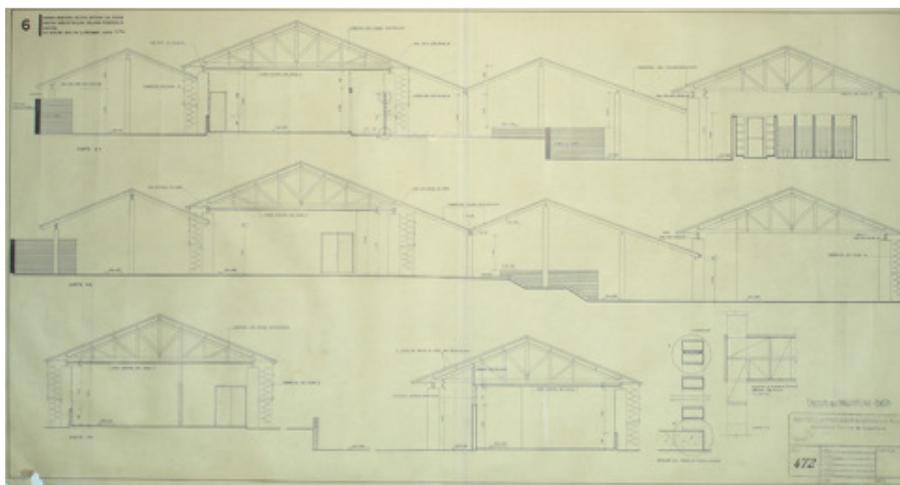


Fig. 13: Carlos B. Millan e Galiano Ciampaglia, Ginásio Municipal de Santo Antonio da Posse, Santo Antonio de Posse (0522101): Cortes; coef. redução=1/7,5; esc. principal 1:375.

Joaquim Guedes, ao projetar com Hélio Penteado e João Honório de Mello Filho o Grupo Escolar do distrito de Barão Ataliba Nogueira⁸, Itapira, participa do debate sobre a relação entre tradição e modernidade então vigente, através da peculiar lente da arquitetura orgânica de Alvar Aalto. É do mesmo ano e local outra obra que marca a pesquisa de Guedes em direção a disposições estruturais mais livres e volumetrias mais complexas: o Fórum de Itapira. Isto é notável na forma multifacetada do desenho da escada e dos taludes previstos em projeto e no desenho do piso, sobretudo em seu tratamento escalonado e cromaticamente diferenciado.

O desenho dos pavilhões contribui, ao lado desta preocupação com a paisagem, para criar uma arquitetura marcante. Destaca-se a integração entre paisagismo e arquitetura, ao incorporar o desnível através do encaixe das duas coberturas de diferentes dimensões do galpão, que delimita sutilmente o refeitório. Cada água da cobertura do galpão tem a largura da cobertura em uma água do pavilhão a que se conecta, descontados os beirais. Alvenaria convencional caiada de branco é combinada com estrutura pré-moldada de concreto armado; esquadrias de madeira criteriosamente desenhadas afastam-se das soluções vernaculares utilizadas por Candia na mesma cidade: a iluminação se dá através de panos fixos de vidro e a ventilação por meio de tela de nylon. São concebidos detalhes inéditos de beirais e brises de ripas apoiados em mãos francesas também em madeira, em continuidade com a solução estrutural, formal e construtiva da cobertura – laje inclinada apoiando caibros de madeira. Equipamentos como o bebedouro e a mesa de refeições são detalhadas em concreto, portão de madeira possui nítido sabor nórdico.

⁸ Proc. IP 28669 de 20/08/1959, ordem de serviço 10/09/1959, recibo 17/11/1959; contrato de execução 22/10/1959 (PM/ ERG Engenharia e Comércio Ltda. Szymon Goldfarb); habite-se não consta; inauguração 01/08/1960.

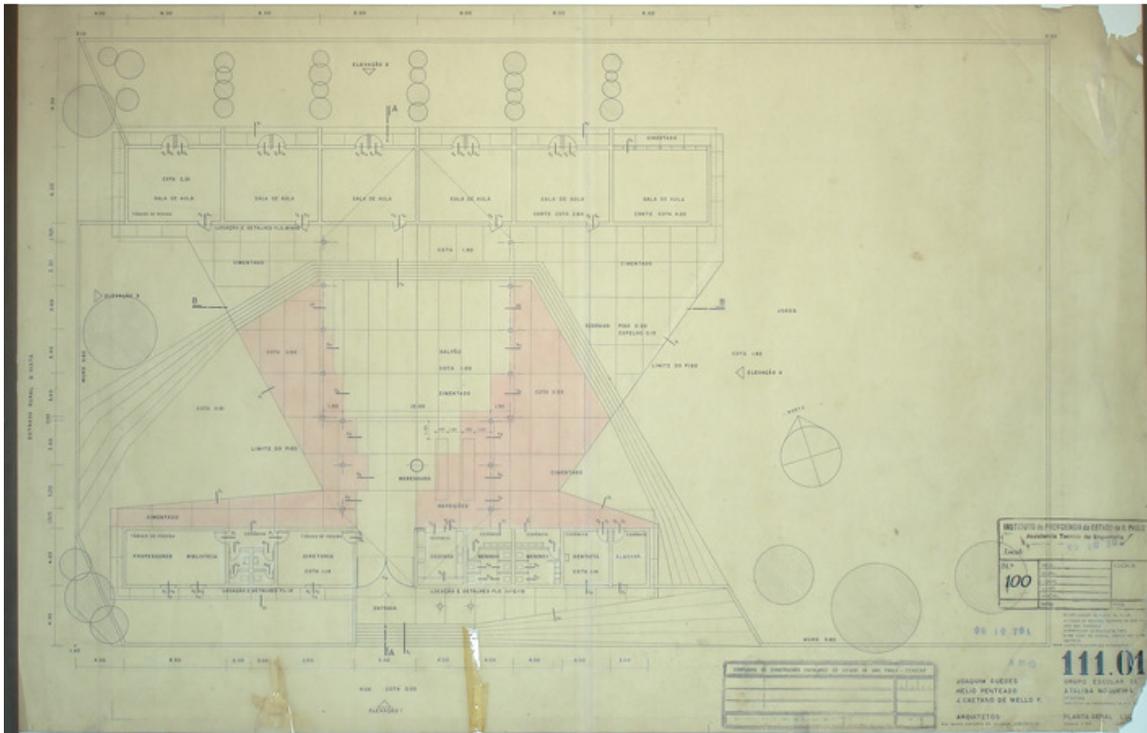


Fig. 14: Joaquim Guedes, Helio Penteados e J. Caetano de Mello F., Grupo Escolar de Ataliba Nogueira, Itapira (0510701): Planta geral; coef. redução=1/5; esc. 1:500.

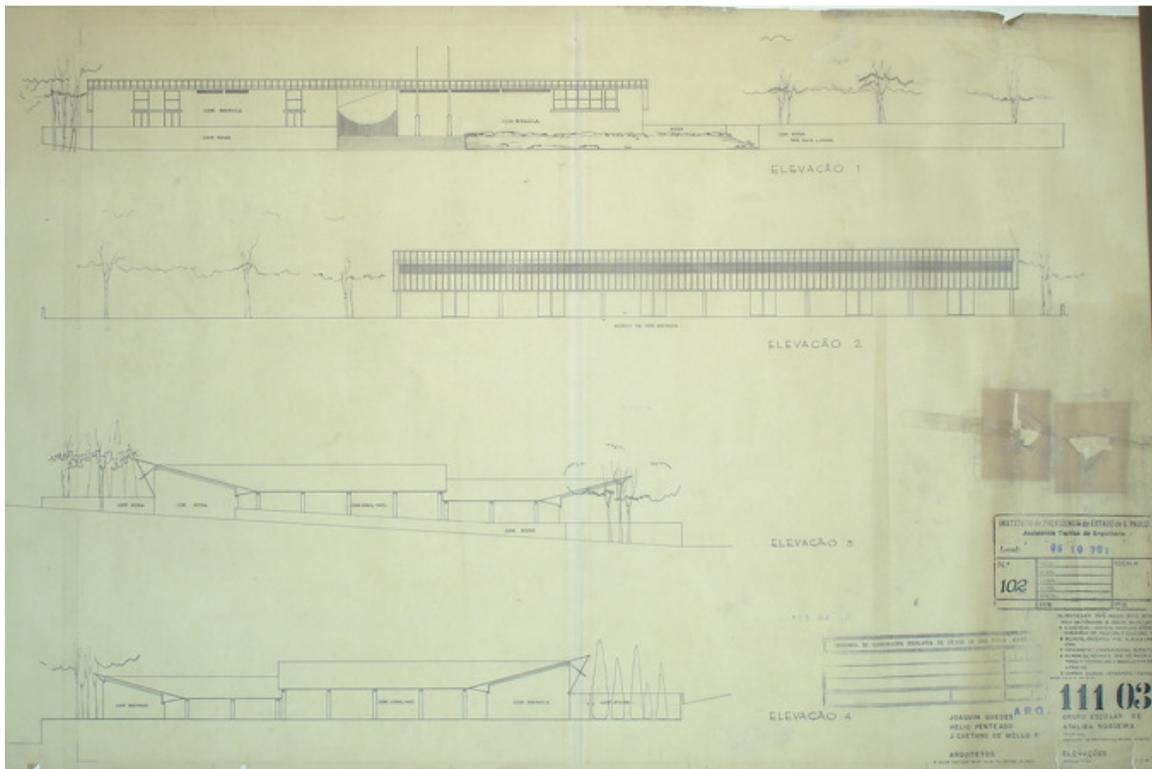


Fig. 15: Joaquim Guedes, Helio Penteados e J. Caetano de Mello F., Grupo Escolar de Ataliba Nogueira, Itapira (0510701): Elevações; coef. redução=1/5; esc. 1:500.

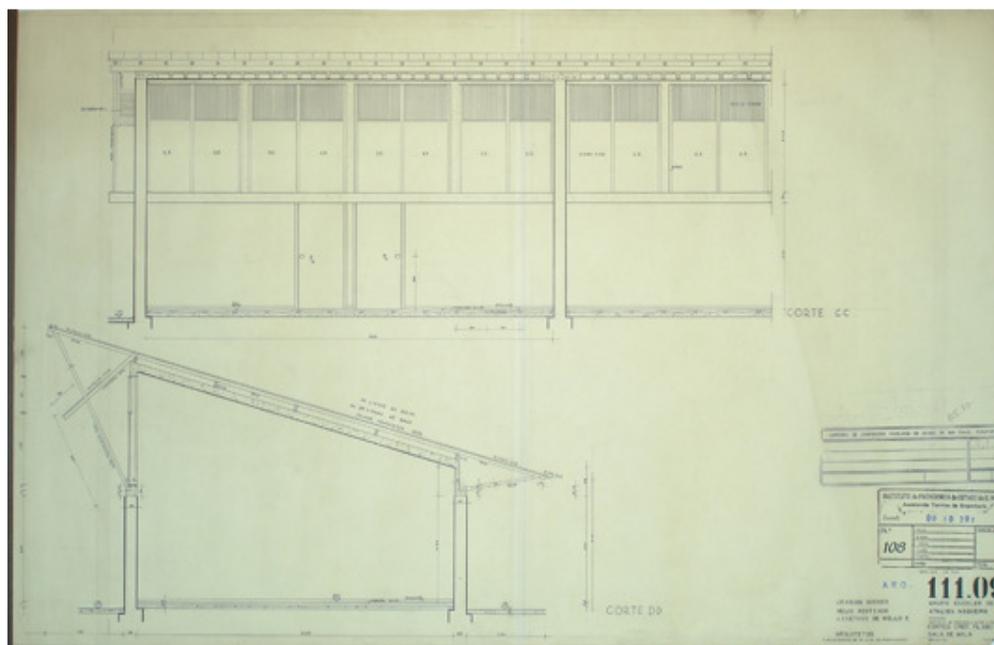


Fig. 16: Joaquim Guedes, Helio Penteadó e J. Caetano de Mello F., Grupo Escolar de Ataliba Nogueira, Itapira (0510701): Cortes sala de aula; coef. redução=1/5; esc. principal 1:100.



Fig. 17: Guedes, Penteadó e Mello, Grupo Escolar de Ataliba Nogueira, Itapira. (Arquivo do arquiteto)



Fig. 18: Guedes, Penteadó e Mello, Grupo Escolar de Ataliba Nogueira, Itapira. (Arquivo do arquiteto)

5.3 Técnicas construtivas usuais

Nem todos arquitetos que viriam a reunir-se em torno de Artigas lançam-se em suas pesquisas imediatamente, como exemplifica o Grupo Escolar Expedicionário Diogo Garcia Martins⁹, Alto Alegre, de Fábio Penteadó.

⁹ Proc. IP 22896 de 22/07/1959, ordem de serviço 19/09/1959, recibo 17/12/1959; contrato de execução 02/10/1959 (PM/ Szymon Goldfarb); habite-se 1/06/1960; inauguração 26/09/1960.

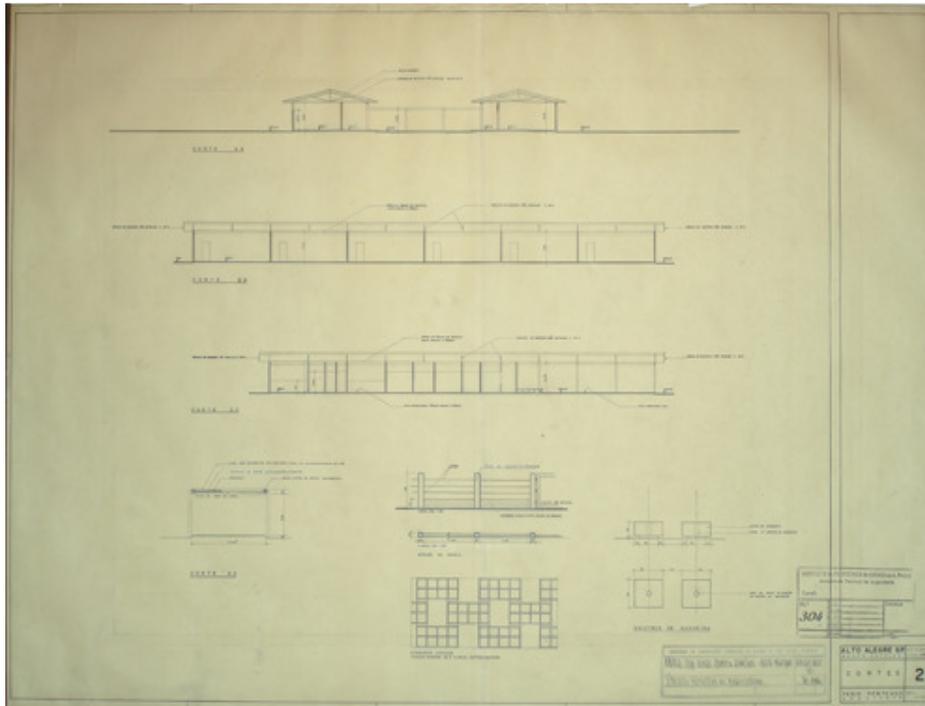


Fig. 19: Fábio de Moura Penteadó, Alto Alegre, SP: Grupo Escolar, Alto Alegre (0901103): Cortes; coef. redução=1/7,5; esc. principal 1:750.

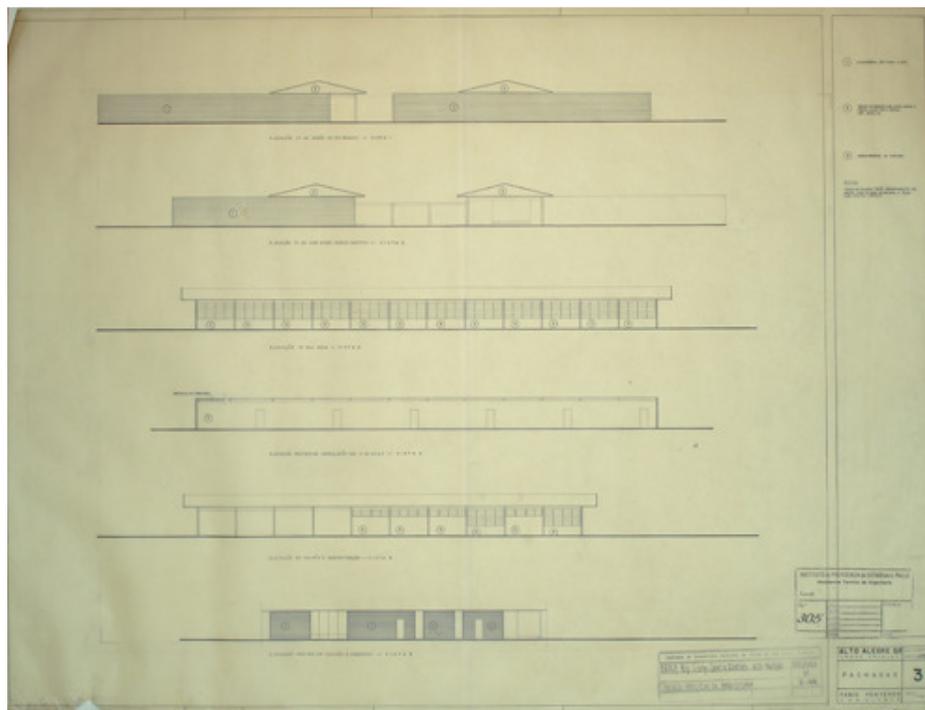


Fig. 20: Fábio de Moura Penteadó, Alto Alegre, SP: Grupo Escolar, Alto Alegre (0901103): Fachadas; coef. redução=1/7,5; esc. principal 1:750.

O partido é semelhante ao de Millan para Guedes: dois pavilhões, o primeiro deles abrigando em seqüência administração, sanitários, cozinha atrás do palco e galpão; o segundo contendo seis salas de aula. Novamente a extremidade da passarela coberta alinha-se aos sanitários, mas agora é estruturada e coberta com laje plana de concreto armado. O projeto baseia-se na correta aplicação de uma técnica construtiva corrente, sem detalhes para além daqueles de tesouras e beirais, bastante convencionais, assim como os acabamentos em massa raspada e litocerâmica cinza sobriamente aplicados.

Um segundo exemplar deste conjunto de projetos bastante singelos é o de Maurício Tuck Schneider para o Grupo Escolar de Engenheiro Coelho¹⁰, na zona rural de Arthur Nogueira. Para um programa de necessidades semelhante ao de Alto Alegre, a solução adquire caráter mais complexo, com o hall a partir do qual se acessa as circulações da administração e das salas de aula e com a justaposição de diversas águas de telhado por intermédio de calhas. A disposição dos setores implica num fluxo conflituoso. Quanto à cobertura, as dimensões das águas maiores coincidem nas salas de aula e no galpão, apesar de neste os pilares serem recuados até o perímetro da cobertura. Finalmente, a praça fronteira ao acesso, aliada à especificação de materiais, mastros e locação de espécies vegetais aprimora a relação entre o edifício e o espaço urbano, talvez sem a mesma habilidade de Croce e Aflalo: duas das salas de aula abrem-se quase que diretamente para o espaço exterior.

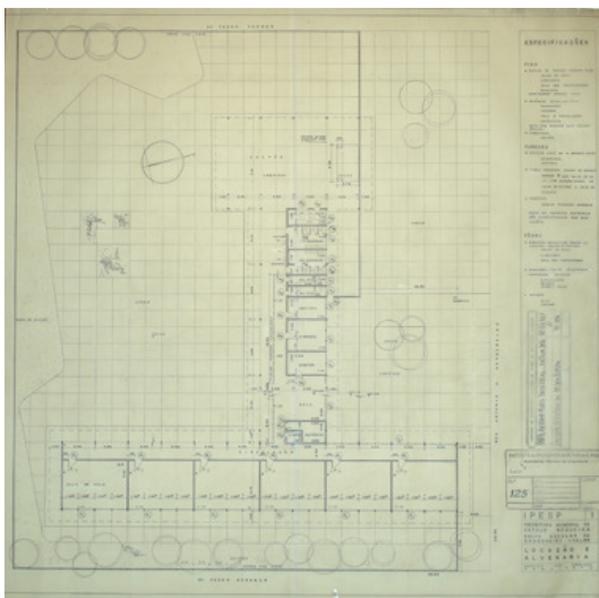


Fig. 21: Maurício Tuck Schneider, Grupo Escolar do Engenheiro Coelho, Arthur Nogueira (0504401):
Locação e alvenaria; coef. redução=1/7,5; esc. 1:750.

¹⁰ Proc. IP 07273 de 17/05/1958, ordem de serviço 21/09/1959, recibo ??/10/1959 (empenho); contrato de execução 02/10/1959 (PM); habite-se não consta; inauguração 11/11/1960.

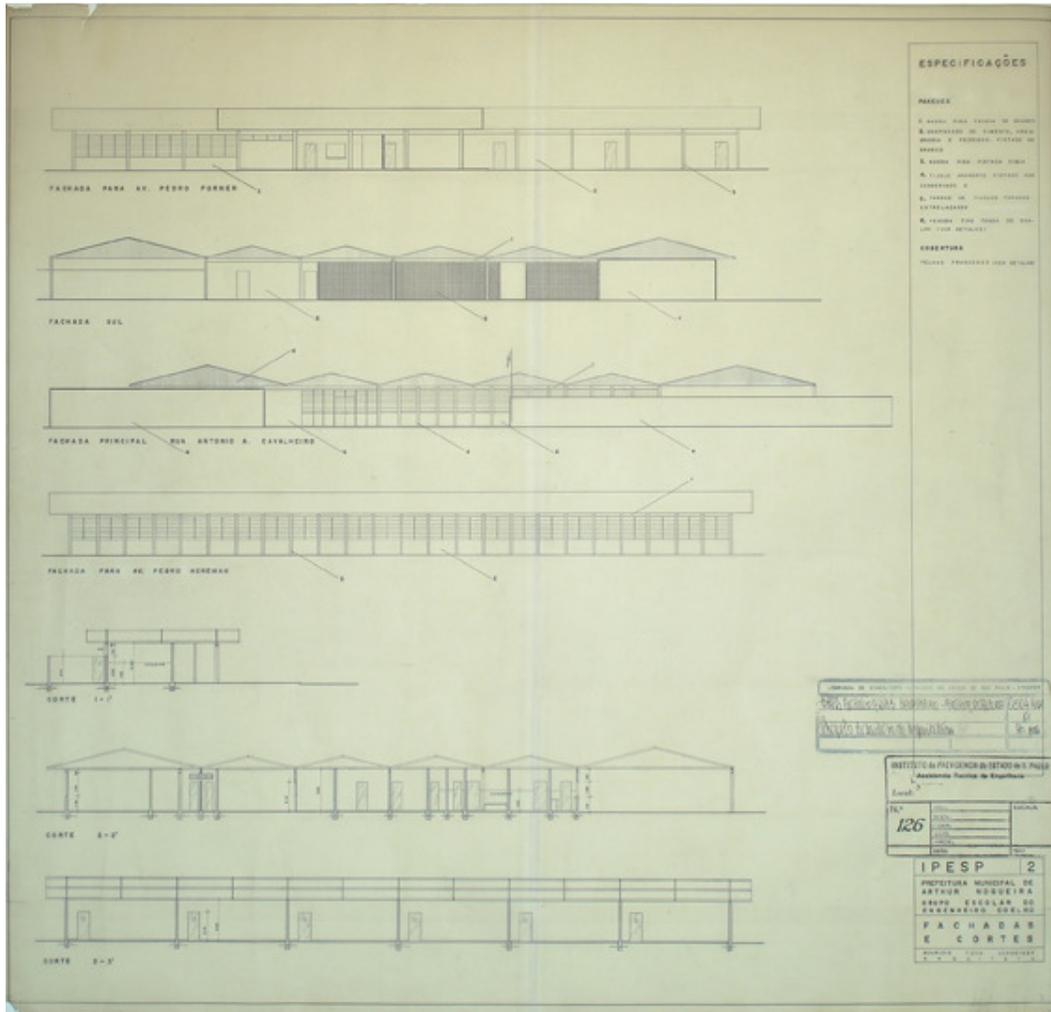


Fig. 22: Maurício Tuck Schneider, Grupo Escolar do Engenheiro Coelho, Arthur Nogueira (0504401): Fachadas e cortes; coef. redução=1/5; esc. principal 1:500.

Conclusão

Seja no âmbito da política partidária, seja no do planejamento estatal e da produção arquitetônica, a passagem da década de 1950 para a de 1960 é marcada por um amplo debate acerca da modernização do país. Levado a cabo sob o manto da modernização conservadora característica da República Populista e no auge do projeto nacional-desenvolvimentista, ou exatamente por isso, o pleito por posições de destaque na produção moderna brasileira não deixa de implicar em certas contradições por parte de seus partidários no que se refere aos organismos de planejamento estatal e conseqüentemente, ao próprio papel do Estado na modernização do país. Tais contradições são resolvidas através dos conhecidos mecanismos de conciliação, tão em voga no período, e que em nada contribuem, por exemplo, para a sobrevivência das tão festejadas iniciativas de planejamento estatal. No que tange à historiografia, ao estender o referido embate,

e assim ver-se obrigada ao cotejamento dos diferentes projetos de modernização então vigentes, esta fecha os olhos aos dados factuais por ela mesma colhidos e sistematizados, negando mesmo às demais propostas o *status* de projetos antagônicos, ou mesmo alternativos. Entretanto, o levantamento de dados preliminares relativos às primeiras contratações de arquitetos da iniciativa privada pelo Ipesp ou mesmo sobre os canais e indivíduos através dos quais se dão os contatos e os pleitos dos arquitetos junto ao governo estadual de Carvalho Pinto são já suficientes para a identificação de grupos tão coesos quanto aquele que constrói desde a Revolução de 1930 a estreita ligação entre Estado e arquitetura moderna, a ponto de poder preceder este último nas articulações com grupos políticos intelectuais. Sua arquitetura, ao invés de limitar-se à monótona reprodução do uso de materiais e técnicas construtivas convencionais, expressa nítida vivacidade e ciência das questões a serem enfrentadas em suas pesquisas que incluem em posição significativa a relação entre "tradição" e "modernidade", bem como contribuições de arquitetos como Neutra e Aalto, para não dizer a arquitetura de prédios escolares estrangeira, notadamente a estadunidense. Se certa cautela existe, esta é procedente e também reside em jovens arquitetos que posteriormente unem-se a Artigas em sua marcante proposta de arquitetura de prédios públicos. Mesmo entre arquitetos como Toscano, Katinsky e Sanovicz, a oportunidade de projetar prédios escolares no interior paulista continuará a dar ensejo a pesquisas relativas ao binômio citado, ainda que sob bases diversas daquelas aqui apresentadas, pesquisas estas a serem futuramente exploradas.

Referências

ALVES, André Augusto de Almeida. *Arquitetura e sociedade em São Paulo 1956 - 1968: projetos de Brasil moderno*. 2003. Dissertação (Mestrado em Estruturas Ambientais Urbanas) – São Paulo, FAUUSP, 2003.

ALVES, André Augusto de Almeida. *Cinqüenta anos depois: a atuação do Ipesp e dos arquitetos modernos paulistas na construção de edifícios escolares em São Paulo de 1959 – 1962: caracterização das condições atuais de conservação e preservação a partir da análise de exemplares selecionados*. In: SEMINÁRIO DOCOMOMO BRASIL, 7., 2007, Porto Alegre. Anais... Porto Alegre, PROPOAR UFRGS, 2007.

BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita. *A UDN e o Udenismo: ambigüidades do liberalismo brasileiro 1945 – 1965*. São Paulo: Paz e Terra, 1981.

BUZZAR, Miguel Antônio. *João Batista Vilanova Artigas: Elementos para a Compreensão de um Caminho da Arquitetura Brasileira*. 1996. Dissertação (Mestrado em Estruturas Ambientais Urbanas) – São Paulo, FAUUSP, 1996.

CAMPOS, Roberto de Oliveira. *Economia, planejamento e nacionalismo*. Rio de Janeiro: Apec, 1963.

COSTA, Lúcio. "O arquiteto e a sociedade contemporânea". In: XAVIER, Alberto. *Lúcio Costa: sobre arquitetura*. Porto Alegre, Centro dos Estudantes Universitários de Arquitetura, 1962, pp. 230-251. (Informe ao I Congresso Internacional de Artistas, 1952).

FERREIRA, Avany de Francisco; CORRÊA, Maria Elizabeth Peirão; MELLO, Mirela Geiger de. *Arquitetura escolar paulista; restauro*. São Paulo: FDE, 1998.

FERREIRA, Avany de Francisco; MELLO, Mirella Geiger de (Org). Arquitetura escolar paulista: anos 1950 e 1960. São Paulo: Imprensa Oficial, 2006.

IANNI, Octavio. Estado e planejamento econômico no Brasil. 4ª ed. São Paulo: Civilização Brasileira, 1986.

INSTITUTO DE ARQUITETOS DO BRASIL. DEPARTAMENTO DE SÃO PAULO. Ata da Assembléia Geral realizada a 08/09/1959.

INSTITUTO DE ARQUITETOS DO BRASIL. DEPARTAMENTO DE SÃO PAULO. Ata da Assembléia Geral realizada a 20/08/1959.

INSTITUTO DE PREVIDÊNCIA DO ESTADO DE SÃO PAULO. Proc. IP 07273 de 17/05/1958.

INSTITUTO DE PREVIDÊNCIA DO ESTADO DE SÃO PAULO. Proc. IP 12575 de 19/08/1958.

INSTITUTO DE PREVIDÊNCIA DO ESTADO DE SÃO PAULO. Proc. IP 22896 de 22/07/1959.

INSTITUTO DE PREVIDÊNCIA DO ESTADO DE SÃO PAULO. Proc. IP 24547 de 30/07/1959.

INSTITUTO DE PREVIDÊNCIA DO ESTADO DE SÃO PAULO. Proc. IP 27141 de 17/08/1959.

INSTITUTO DE PREVIDÊNCIA DO ESTADO DE SÃO PAULO. Proc. IP 27937 de 17/08/1959.

INSTITUTO DE PREVIDÊNCIA DO ESTADO DE SÃO PAULO. Proc. IP 9407 de 09/04/1959.

KATINSKY, Júlio Roberto. A escola Republicana em São Paulo. In: FERREIRA, Avany de Francisco; MELLO, Mirella Geiger de, (Org). Arquitetura escolar paulista: anos 1950 e 1960. São Paulo, Imprensa Oficial, 2006, pp. 21-39.

LAFER, Betty Mindlin. O conceito de planejamento. In: LAFER, Betty Mindlin. Planejamento no Brasil. 5ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1987, p. 9-28.

LAMPARELLI, Celso Monteiro. Experiência brasileira de planejamento urbano. Sinopses, São Paulo, n. 13, p. 54-9, mai. 1990.

LAMPARELLI, Celso Monteiro. O ideário do urbanismo em São Paulo em meados do século XX: o Pe. Lebre: continuidades, rupturas e sobreposições. Cadernos de Pesquisa do LAP, São Paulo, n. 5, p. 34-56, mar/abr. 1995.

LESSA, Carlos. 15 anos de política econômica. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1981.

MANTEGA, Guido. A economia política brasileira. 3ª ed. São Paulo/ Petrópolis: Polis/Vozes, 1985.

MARANHÃO, Ricardo. O governo Juscelino Kubitschek. 5ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1988.

MARCUCCI, Ruy. Carvalho Pinto em ritmo de hoje. São Paulo: OESP, s.d.

ROCHA, Paulo Archias Mendes da. Edifícios escolares: comentários. Acrópole, São Paulo, n. 377, p. 35, set. 1970.

SAMPAIO, Plínio de Arruda. Entrevista concedida em 05/03/2007 ao Grupo de pesquisa Arte e Arquitetura no Brasil: diálogos na cidade moderna e contemporânea. In: CORDIDO, Maria Tereza Regina Leme de Barros. Arquitetura forense do estado de São Paulo: produção moderna, antecedentes e significados. 2007. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – EESCUSP, São Carlos, 2007, p. 299-323.

SAMPAIO, Plínio Soares de Arruda. Um grande momento: São Paulo planejando. In: MARCUCCI, Ruy. Carvalho Pinto em ritmo de hoje. São Paulo: OESP, s.d., p.181-92.

SANOVICZ, Abrahão. "Depoimento". Arquitetura e Urbanismo, São Paulo, n. 17, pp. 55-6, abr/mai. 1987.

SÃO PAULO (ESTADO). GOVERNO DO ESTADO. Plano de ação 1959 – 1963: administração estadual e desenvolvimento econômico-social. São Paulo: Imprensa Oficial, 1959.

TEIXEIRA, Alberto. Planejamento público: de Getúlio a JK. Fortaleza: Iplance, 1997.

VALENTIM, Fabio Rago. Casas para o ensino: as escolas de Vilanova Artigas. 2003. Dissertação (Mestrado em Estruturas Ambientais Urbanas) – São Paulo, FAUUSP, 2003.

WISNIK, Guilherme. O programa escolar e a formação da “escola paulista”. In: FERREIRA, Avany de Francisco; MELLO, Mirella Geiger de (Org.). Arquitetura escolar paulista: anos 1950 e 1960. São Paulo, Imprensa Oficial: 2006, p. 59-66.